

*“Navegar é preciso. Viver não é preciso.”*

*Frase de Pompeu, General Romano, do livro:*

*A Vida de Pompeu.*

*Plutarco(46-119? d.C).*

Pg.18-23

## **1. O Olho do Pássaro**

Eu já tinha onze anos. Lembro-me somente de que o dia estava lindo, aquele azul de outono e uma brisa.

Nós meninos nos encontramos na Praia Vermelha, munidos das arminhas de chumbinho (espingardas). Primeiro iríamos brincar de guerreiros e depois caçar alguns passarinhos. Não era pecado. Afinal, meus pais me ensinaram que matar para comer não era pecado. E era isso que faríamos.

Caminhamos então até a trilha conhecida como Caminho do Bem-te-vi. Em seu lado esquerdo havia uma pequena mata, com algumas ruínas tomadas pelo verde. Nos organizamos em equipes e finalmente começamos a guerra. Mirávamos uns nos outros e atirávamos para matar. A batalha foi interrompida quando Pedro levou um tiro na perna. Tudo depois de meia hora com zunidos frequentes próximos da cabeça. Como meninos sobrevivem ao ponto de virarem homens?

Voltamos a caminhar todos juntos e ao vermos o primeiro passarinho lembramos imediatamente da nossa segunda missão para aquele dia de glória. E todos começamos a mirar e a atirar nos passarinhos. Havíamos comprado chumbinhos especiais. Chamavam-nos de “diabolôs”; eles tinham a cabeça arredondada e causavam um impacto maior.

Éramos todos maus atiradores.

Até que percebi uma rolinha em um fio de luz que passava há uns cinco metros de altura de nossas cabeças e há três metros de distância pelo chão.

Mirei com muita concentração.

“Tec”, fez o barulho da espingarda. E a rolinha começou a cair para a minha alegria. Mas logo que começou sua descida, percebi algo.

A rolinha veio caindo em círculos de meio metro de diâmetro, lentamente.

Finalmente chegou ao chão. Me aproximei primeiro, acompanhado da euforia dos meus colegas.

Ela caiu com as asas abertas e estava se debatendo.

Ao chegar perto, percebi que o tiro pegou no olho.

Rapidamente, abri a arma e a carreguei com outro diabolô. Encostei em sua cabeça e atirei.

Mas ela continuou com aqueles movimentos espasmódicos.

Onde está a brisa? Qual é a cor do céu?

Demorei um pouco, atônito, mas repeti o movimento. Encostei novamente no que havia sobrado da cabeça e dei o terceiro tiro.

A tortura não acabara; ela ainda se mexia.

O quarto tiro, finalmente, tirou a rolinha deste mundo.

Percebi, então, o animal que eu era.